



Chamada de trabalhos

"Expressão artística, discurso midiático: trajetórias e performances políticas no Brasil e na França"

– De 27 a 29 de agosto de 2025, no IMS Paulista (São Paulo, SP) –

A Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e o Institut Français de Presse da Universidade Paris-Panthéon-Assas (IFP) organizam um congresso internacional no âmbito das comemorações do ano França-Brasil.

Este encontro busca motivar o debate, a produção de ideias e novas reflexões ligadas aos percursos pouco conhecidos das autoras Carolina Maria de Jesus na França e Françoise Ega, cujas visões são atuais e relevantes para nossa sociedade contemporânea¹. Ambas as escritoras nos convidam a refletir sobre as múltiplas (e ambivalentes) possibilidades oferecidas pela publicação de relatos autobiográficos (do livro aos formatos mais efêmeros) na esfera pública ampliada: resultado do cruzamento entre mídia, política e pesquisa acadêmica, online e offline.

Assim, pretendemos discutir de que forma a construção da narrativa autobiográfica condiciona o acesso de pessoas provenientes das margens ao espaço midiático e político “do centro”. Como indivíduos isolados, com trajetórias singulares, tornam-se, às vezes sem querer, porta-vozes de uma realidade coletiva? Em que medida a passagem por suportes culturais, legitimados pelas lógicas de mercado, lhes confere o acesso à fala midiática, em nome de uma pluralidade de vozes?

¹ Tese de doutorado defendida em 2022 por Machado Campello e Maria-Clara Braga, intitulada *Meu pranto, seu canto: correspondências possíveis entre as obras de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega*. O trabalho foi apresentado no contexto dos Estudos do Mundo Lusófono na Universidade Paris 3 Sorbonne-Nouvelle e está disponível no [site Thèses.fr](http://site.Thèses.fr).

Nesses dois países com trajetórias políticas distintas, com paisagens midiáticas e histórias de lutas sociais diferenciadas, como essas duas figuras podem nos unir na busca de perspectivas de inclusão e emancipação? Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega nos permitem explorar o silêncio social e midiático e iluminar todas aquelas e aqueles cujas falas são negadas ou não ouvidas nas esferas de poder. Essas duas figuras representam um arquivo das vozes dos excluídos, daqueles que não são representados nos espaços institucionais e de poder. Elas ilustram uma forma de existência e resistência por meio de seus escritos, transformando suas narrativas pessoais em testemunhos universais.

Por meio da publicação de suas obras, Carolina e Françoise alcançam visibilidade midiática e política, tornando-se assim porta-vozes de muitas outras na França e no Brasil. Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega tornaram-se, portanto, símbolos políticos, reconhecidas por seus engajamentos em diversas causas: direito à cidade, à moradia, à educação, à diversidade étnica e à igualdade de gênero.

Ao reconhecer Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega como figuras emblemáticas, é importante não considerá-las unicamente como uma tela a contemplar, mas sim como pontos de entrada (e de partida) para uma exploração mais ampla de outros contextos e situações de desigualdade e exclusão, permitindo questionar as dinâmicas sociais, culturais e políticas que sustentam suas produções e engajamentos.

Envolvendo artistas, pesquisadores e profissionais da comunicação, franceses e brasileiros, este congresso busca alcançar quatro objetivos principais:

1. Estudar o relato autobiográfico como estratégia de visibilidade para grupos marginalizados nas esferas midiáticas e políticas. Como os relatos pessoais enriquecem esse debate? Quais lições podem ser extraídas para compreender a articulação entre identidade, memória coletiva e reconhecimento público?
2. Explorar as novas formas e reconfigurações dos formatos de expressão na era das plataformas digitais. Quais são hoje as formas preferidas para a expressão de si? Estamos limitados a *vlogs*, vídeos curtos e conteúdos efêmeros? Qual é o lugar dos formatos tradicionais, como o livro, a literatura de cordel² ou a correspondência? Em que condições esses últimos formatos persistem e continuam a desempenhar um papel crucial na transmissão de relatos pessoais? Quais oportunidades são criadas pelas plataformas imersivas, transmídia ou que utilizam modelos de inteligência artificial? De que maneira essa agenda impacta mercados consolidados como a televisão, o rádio, o cinema, os *games* e a própria sociedade do espetáculo?
3. Interrogar a circulação de ideias e relatos pessoais nas esferas midiáticas e culturais. Como a diversidade de trajetórias é traduzida e discutida nas obras de artistas, jornalistas e intelectuais contemporâneos? De que forma esses relatos abrem novos horizontes para pensar a pluralidade das experiências humanas e o reconhecimento dos múltiplos percursos no espaço público?

² O cordel brasileiro, surgido há mais de um século, é uma forma de expressão cultural rica e variada: ao mesmo tempo uma forma literária, um ofício, um meio de comunicação e subsistência, além de ser um espaço de memória. Esse gênero literário, escrito em versos, também é qualificado como poesia narrativa. Ver: Helonis Borges Brandão, Antonio, e Solenne Derigond. « De la rue aux institutions culturelles, la littérature de cordel au Brésil ». *Norois. Environnement, aménagement, société*, 256, 2020, p. 29-41.

4. Discutir as circunstâncias históricas e culturais que favoreceram o surgimento de figuras como Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega na cena pública. Como os grupos sociais marginalizados utilizam hoje as redes sociais e outras plataformas digitais para subverter normas, criar estratégias de visibilidade, e mobilizar táticas de resistência? Quais pactos políticos foram ou ainda são possíveis para promover maior diversidade e inclusão nos processos midiáticos?

Percursos biográficos

Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977)

Carolina Maria de Jesus abraçou a carreira de escritora depois de ter trabalhado quase a vida toda como empregada doméstica e catadora de papel³. Ela circulava diariamente entre o centro da cidade de São Paulo e a favela onde criava seus três filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos. Na favela do Canindé, Carolina Maria de Jesus encontrou um "quarto próprio" por meio da manutenção rigorosa de um diário íntimo, prática pouco conhecida entre as classes populares brasileiras. Ela descreve sua luta para sobreviver em São Paulo, enfrentando a fome e a extrema pobreza.

Na década de 1960, alguns de seus cadernos pessoais foram compilados em um livro pelo jornalista Audálio Dantas, que conheceu Carolina Maria de Jesus durante uma investigação que realizava na região onde ela vivia. Ele se tornou seu agente literário e orientou o começo da sua carreira como escritora. Esse encontro é atualmente objeto de discussões pela família de Carolina Maria de Jesus: o jornalista já conhecia a existência de Carolina Maria de Jesus antes de sua chegada ao Canindé? Uma primeira reportagem sobre Carolina Maria de Jesus já havia sido publicada no jornal *Folha da Manhã* em 1940 sob o título “Carolina Maria, poetiza preta”. O relato de Audálio Dantas, que afirma ter “descoberto” Carolina Maria de Jesus por acaso, levanta questões fundamentais sobre a própria noção de “descoberta” e, mais amplamente, sobre o papel da mediação jornalística em relação às pessoas marginalizadas ou excluídas do registro oficial. Quem descobre quem, com qual objetivo, e quem tem acesso a quê? Essas interrogações iluminam as dinâmicas de poder e as intenções subjacentes nos processos de mediação.

A publicação no Brasil da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960) possibilitou a visibilidade de Carolina Maria de Jesus e lhe conferiu uma presença midiática em diferentes meios de comunicação brasileiros e internacionais⁴. A essas repercussões simbólicas somam-se implicações mais pessoais, permitindo a Carolina Maria de Jesus deixar a favela e se estabelecer na cidade em uma “casa de alvenaria” em Santana, na zona norte da cidade, e depois em um sítio em Embu-Guaçu. Carolina Maria de Jesus é a primeira mulher negra brasileira a ver sua obra traduzida para o exterior, e em 14 idiomas. Em francês, seu primeiro livro foi publicado sob o título *Le Dépotoir* pela editora Stock, dois anos após sua publicação no Brasil (1962).

³ Castro, Eliana Moura de, et Marília Novais da Mata Machado. *Muito bem, Carolina!: Biografia de Carolina Maria de Jesus*, C / Arte, Belo Horizonte, 2007 ; Ciotta Neves, Rita, et Maria Raquel Limão de Andrade. *Carolina Maria de Jesus: uma biografia*, Colibri, Famões, 2020 ; Farias, Tom. *Carolina: Uma biografia*, Malê, Rio de Janeiro, 2019 ; Meihy, José Carlos Sebe Bom, et Robert M. Levine. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

⁴ Menezes, Hélio, et Raquel Barreto (dirs.). *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*. IMS, São Paulo, 2023.

Uma das três publicações de Carolina Maria de Jesus - o *Diário de Bitita* - foi inicialmente publicada em francês pela editora Métailié em 1982, antes de sair no Brasil, em 1986. Este livro suscita uma polêmica ainda atual em torno de sua obra: a relação entre oralidade e escrita, entre os diferentes registros de fala e o uso de uma língua não conforme as normas gramaticais, sintáticas e ortográficas. Entre o livro publicado e o manuscrito original, observam-se mudanças profundas na estrutura do texto, omissões e até mesmo a inclusão de trechos, sem o consentimento da autora, que faleceu em 1977. Por exemplo, o título escolhido na França, *Diário de Bitita*, difere daquele inicialmente escolhido pela autora (*Um Brasil para os brasileiros*). Essas diferenças são emblemáticas de uma fala que, para ser ouvida, parece precisar se conformar a normas e estratégias editoriais, mas também a normas de visibilidade social e midiática, simbolizando também os imaginários franceses sobre o Brasil no século 20.

De setembro de 2021 a abril de 2022, o Instituto Moreira Salles (IMS) realizou, em São Paulo, em plena avenida Paulista, um dos centros financeiros da cidade mais rica do país, uma exposição intitulada *Um Brasil para os brasileiros*, dedicada a Carolina Maria de Jesus. A exposição foi pensada pelo antropólogo Hélio Menezes e pela historiadora Raquel Barreto, com a colaboração da equipe do IMS. Ela foi estruturada em 16 seções que incluíram edições dos livros, dos cadernos manuscritos, das fotografias, dos jornais, dos vídeos e dos documentários sobre a escritora, e ainda trouxeram obras de artistas visuais brasileiros realizadas entre 1951 e 2021 para dialogar com o conteúdo.

Françoise Ega (1920 - 1976)

Françoise Ega transformou sua vida em um testemunho pungente sobre as mulheres *ultramarinas* (vindas das antigas colônias francesas no Caribe) que vieram para a Europa para exercer trabalhos domésticos como os de limpeza, de babá ou na cozinha⁵. Chegando a Marselha no meio da década de 1950, vinda da Martinica, Françoise Ega se estabeleceu em La Busserine, bairro localizado ao norte da cidade. Ela trabalhou como empregada doméstica de 1962 a 1964. Neste período, ela registrou suas experiências em cadernos de anotações que se tornaram um diário (diário de resistência⁶), um documento poderoso que testemunha as condições das mulheres antillanas que chegaram à França metropolitana na década de 1960.

Françoise Ega descobriu a existência de Carolina Maria de Jesus por meio de uma reportagem da *Paris Match* (em 1962) e começou a escrever cartas endereçadas a Carolina Maria de Jesus. Embora essas cartas nunca tenham chegado a sua destinatária, elas constituem a matéria-prima do livro de Françoise Ega, publicado dois anos após sua morte. Intitulado *Lettres à une Noire*, foi lançado pela editora L'Harmattan em 1978 ; em 2021 foi reeditado pela Lux em 2021 e publicado também no Brasil pela editora Todavia. Por sua existência, essas cartas levantam a questão dos diálogos transatlânticos entre a Europa, a África e as Américas, destacando os encontros, as trocas de experiências e a construção de um conhecimento que ultrapassa as fronteiras geopolíticas.

Em um relato em primeira pessoa, Françoise Ega extrai o que poderia ser chamado de uma etnografia ordinária “elementos de compreensão que talvez nos ensinem tanto sobre [ela] quanto sobre os outros⁷”. Da mesma forma que, nos anos 1970, Awa Thiam partiu em busca das mulheres do Mali,

⁵ Célestine, Audrey, et Aïssa Préfacier Maïga. *Des vies de combat: femmes, noires et libres*, L'Iconoclaste, Paris, 2020, p.140-143.

⁶ Dorlin, Elsa . « Lettre à Françoise Ega », In Françoise Ega, *Lettres à une noire. Récit antillais*, Lux, Paris, 2021, p.7-23.

⁷ Anderson, Elijah, et al. « La canopée cosmopolite », *Politix*, 125, 2019, p.109-134.

Senegal, Costa do Marfim, Guiné, Gana e Nigéria para escrever um livro⁸ que retrata trajetórias semelhantes à sua. Esses relatos descritivos que misturam o íntimo e o político perduram na França, sendo atualmente representados por mulheres como Douce Dibondo (apresentadora de podcast, ensaísta e autora), Amandine Gay (diretora, atriz e autora), Axelle Jah Njiké (apresentadora de podcast, cronista e autora) e Kiyémis (blogueira e autora).

O romance autobiográfico de Françoise Ega traça os diálogos e as atividades de um indivíduo diretamente envolvido nas questões que aborda, sem que outra pessoa direcione sua forma de contar as experiências vividas ou testemunhadas. Mais uma vez, o formato livro se torna uma ferramenta para devolver a voz aos invisíveis, neste caso, essas mulheres negras originárias dos territórios franceses no Caribe que, uma vez chegadas à França metropolitana, veem seu destino selado como empregadas domésticas. A publicação torna-se, de certa forma, uma peça central na construção da memória coletiva de um grupo cuja atividade é marcada pela discricção e pela modéstia. Um trabalho invisibilizado realizado por mulheres que limpam o mundo (estações, aeroportos, museus, cidades...), em uma economia onde seus corpos são levados à exaustão⁹. Nesse contexto, onde a invisibilização é uma característica central, ainda se investiga muito pouco os conhecimentos que se constroem por meio do compartilhamento de práticas, experiências e intercâmbios sociais.

As mulheres que vieram das Antilhas nas décadas de 1950 e 1960 são alvo de uma forma de desumanização, segundo Françoise Ega, que utiliza a expressão “máquina conveniente¹⁰”. Essa desumanização se cristaliza nas interações cotidianas: as dificuldades adicionais às tarefas, as trocas humilhantes, as ordens injustas, a redução ao silêncio e à solidão. No caso de Françoise Ega, os padrões até lhe atribuem um nome diferente, esmagando assim sua identidade e individualidade. Essa experiência não lhe parece isolada; Françoise Ega acredita que está ligada às políticas públicas, das quais a criação em 1963 do Escritório para o Desenvolvimento das Migrações nos Departamentos Ultramarinos (Bumidom) por Michel Debré¹¹ é, para ela, um símbolo.

Desde 2019, uma rua no 14º arrondissement de Marselha leva o nome de Françoise Ega: "Rua Françoise-Ega. Dites Mam'Ega, poète et militante (1920-1976)." Da mesma forma, uma associação social e cultural leva seu nome – Comité Mam'Ega – e luta contra o analfabetismo e contra "toda forma de exclusão dentro do bairro do grande Saint-Barthélemy, no norte da cidade de Marselha¹²".

Aberturas e questões da atualidade

Na interseção da "diversidade das sociedades" e do "diálogo transatlântico", os percursos de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega levantam questões contemporâneas em Ciências da Comunicação, tanto na França quanto no Brasil.

Eixo 1 - Mídia, jornalismo e narrativa pessoal

Os percursos midiáticos de Carolina Maria de Jesus e de Françoise Ega reforçam o lugar ambivalente da mídia e do jornalismo na visibilidade das « minorias », oscilando entre espaço de emancipação e estigmatização. Essas autoras não foram prisioneiras de uma "narrativa única" sobre suas obras, que as restringe ao papel de mulher negra e reduz seu *status* ao de porta-vozes dessa parte da população?

⁸ *La Parole aux Negrèsses*, Denoël/Gonthier, Paris, 1978 [Reedição Divergences em 2024]

⁹ Vergès, Françoise. *Un féminisme décolonial*, La fabrique éditions, Paris, 2019.

¹⁰ *Lettres à une Noire. Récit Antillais*, Lux, Paris, 2021.

¹¹ Pattieu, Sylvain. « Un traitement spécifique des migrations d’outre-mer : le BUMIDOM (1963-1982) et ses ambiguïtés ». *Politix*, 116, 2016, p.81-113.

¹² Le comité Mam'Ega. 36 ans d’activités dans les quartier Nord de Marseille », texte disponible en ligne [sur le site de l’association](#). Consulta realizada no dia 20 de outubro de 2024.

No caso de Carolina Maria de Jesus, as fotografias nos jornais brasileiros da época atestam isso: ela é frequentemente encenada para representar o que era (habitante de uma favela), e não o que se tornou (escritora). Que lugar a mídia e os jornalistas concedem às vozes marginalizadas? E, de forma mais geral, quais tratamentos eles reservam às pessoas à margem da sociedade? Na França, esse desejo de construir narrativas menos compartimentadas se reflete mais recentemente na publicação coletiva *Noire n'est pas mon métier* (Seuil, 2018), por exemplo. Sob a liderança da atriz Aïssa Maïga, um grupo de profissionais do audiovisual francês demonstra o quanto seus percursos profissionais são marcados pelas questões de estereótipos ethno-raciais. Assim, torna-se pertinente o estudo de como Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega, por meio de uma abordagem de luta e resistência através da escrita¹³, habilmente contornaram (ou desviaram) a estratégia midiática de visibilização das minorias sob o prisma da "narrativa única".

Eixo 2 - O "estilo literário" no percurso das classes populares

Recentemente, durante a reedição no Brasil dos dois volumes de “Casa de Alvenaria¹⁴” (Companhia das Letras, 2021), a escritora e especialista em literatura afro-brasileira Conceição Evaristo e a filha de Carolina Maria de Jesus, Vera Eunice de Jesus, explicaram no prefácio que o questionamento sobre a sintaxe dos escritos volta sempre como uma questão: de que maneira adequar o texto ao padrão das editoras contribuiria para reduzir a força de sua obra e neutralizar seu estilo próprio? É verdade que Carolina Maria de Jesus não dominava o registro formal da língua portuguesa, uma vez que não pôde concluir seus estudos. Essa forma de escrever abre possibilidades ou aprisiona a autora em um estereótipo de classe? Isso também levanta, subjacente, a questão da dimensão social do estilo literário, das normas editoriais e, de forma mais ampla, do trabalho que fazem as editoras especializadas. Anacaona é uma editora independente francesa especializada em literatura, ensaios e manifestos assinados por brasileiros e brasileiras que abordam temas considerados marginais. Em que medida “editar” um texto para torná-lo padrão contribui para o apagamento de seu caráter original? Esse eixo permite, assim, explorar as rupturas que o "estilo literário" de Carolina Maria de Jesus e de Françoise Ega proporcionam e inspiram como modos de auto-representação¹⁵. Além disso, uma outra linha de reflexão diz respeito à criação de formas autônomas de publicação e à utilização de outras "mídias periféricas", como *saraus*¹⁶, *slams*¹⁷, rodas literárias e *fanzines*.

Eixo 3 - Manutenção, cuidado e visibilidade do trabalho

Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega restituem suas experiências a partir do trabalho doméstico na esfera privada¹⁸ que executaram, remetendo tradicionalmente às questões do cuidado, muitas vezes atribuídas às mulheres percebidas como racializadas. O cuidado (*care*¹⁹) é um conceito político que interroga a distribuição desigual das responsabilidades de cuidado na sociedade, bem como a forma como esse trabalho é distribuído e valorizado. A invisibilidade desse trabalho (ou o desprezo que se

¹³ Audre Lorde identifica a escrita como uma forma de luta essencial para as mulheres negras. Para ela, escrever não é um luxo, mas uma necessidade para expressar vivências, resistir às opressões e criar espaços de voz e autonomia. Por exemplo : Lorde, Audre. *Zami. A New Spelling of my Name. A Biomythography*, Persephone Press, London, 1982 ; Lorde, Audre. *Sister Outsider. Essays and Speeches*, The Crossing Press, Toronto, 1984.

¹⁴ Em francês: *Ma vraie maison*, Stock, Paris, 1964

¹⁵ Segundo Conceição Evaristo, a auto-representação refere-se ao ato pelo qual indivíduos negros se afirmam e registram suas histórias em suas próprias narrativas. Ver: Evaristo, Conceição. « Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira », *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, 2005.

¹⁶ Macedo Chamone, Aline Maria. *Um estudo sobre os saraus da periferia de São Paulo: espaços para “aprender na amizade e na liberdade”*, Editora Fi, Porto Alegre, 2021.

¹⁷ Neves, Cynthia Agra de Brito. « Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo », *Linha D'Água*, 30, 2017, p. 92-112.

¹⁸ Fraise, Geneviève. *Service ou servitude. Essai sur les femmes toutes mains*, Le Bord de l'eau, Paris, 2009.

¹⁹ Mol, Annemarie. *The logic of care: health and the problem of patient choice*, Routledge, Oxfordshire, 2008.

lhe atribui), realizado diariamente por mulheres na manutenção de espaços públicos e privados, ainda precisa ser questionada. Quem limpa o mundo? Que lugar e quais funções essas mulheres racializadas ocupam na construção das narrativas midiáticas, culturais e políticas? A visibilidade (ou invisibilidade) continua sendo crucial nas estratégias de midiaticização de certos grupos profissionais, como atestou o movimento que impulsionou os 22 meses de greve das camareiras do hotel Ibis Clichy-Batignolles, em Paris, entre 2019 e 2021. Uma abertura para estudar as relações entre as produções literárias e o engajamento coletivo de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega em relação aos movimentos sociais e de como essa relação se manifestava de maneira recíproca : De que maneira essas escritoras inspiraram esses movimentos e, inversamente, como foram influenciadas por eles?

Eixo 4 - A intimidade e os formatos midiáticos

As publicações de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega adotam a forma de um relato autobiográfico, abrindo assim um espaço para uma reflexão sobre a construção da intimidade e do eu na era das plataformas e redes sociais. O surgimento do relato de si parece intrinsecamente ligado aos avanços do Web 2.0, facilitando a produção e o compartilhamento de conteúdo e permitindo que indivíduos comuns se expressem. No entanto, Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega mostram que essa prática não é nova, a exposição de si tem suas raízes em uma pluralidade de formatos, como a correspondência ou as gravações sonoras. Por exemplo, o programa de rádio que a jornalista Émilie Mendy fez sobre as fitas cassete enviadas por sua avó desde o Senegal²⁰. Assim, uma análise poderia se estender para explorar como essas diferentes modalidades permitiram, ao longo das gerações, expressar uma voz pessoal para acessar espaços midiáticos, políticos e culturais.

Submissão de proposta de comunicação

As propostas de comunicação, em francês ou em português, devem ser enviadas até 31 de janeiro de 2025 para o e-mail jaercio-bento.da-silva@u-paris2.fr e schwartz@usp.br. Elas devem conter:

- O título da comunicação;
- Uma proposta de no máximo 3.000 caracteres (espaços incluídos), detalhando o objeto da apresentação, sua orientação disciplinar, teórica e metodológica, sua problemática e os principais resultados;
- Uma bibliografia indicativa;
- Um breve currículo.

As propostas de comunicação, uma vez anonimizadas, terão dupla avaliação por membros do comitê científico. As modalidades não acadêmicas (jornalística, biográfica, artística) são aceitas. Os trabalhos práticos farão parte da programação durante o evento.

Propostas de todas as áreas disciplinares serão examinadas: ciências da comunicação, sociologia, economia, direito, semiótica, cinema, antropologia, história, filosofia, arte, engenharia da computação, arquitetura e urbanismo, políticas públicas e relações internacionais.

A inclusão de outras personalidades – além de Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega – é evidentemente possível e desejável, desde que sejam abordadas questões relacionadas aos diferentes eixos de pesquisa.

²⁰ Disponível online no site da [Arte Radio](#).

As propostas selecionadas deverão ser seguidas pela redação de um texto completo (20.000 caracteres, espaços incluídos), a ser submetido até 25 de julho de 2025. Este documento servirá para os moderadores e as moderadoras dos painéis e será enviado ao serviço de tradução simultânea (francês-português-francês).

Calendário

Difusão da chamada para comunicações: Outubro de 2024

Data limite para envio das propostas: 31 de janeiro de 2025

Envio das notificações de aceitação: Março de 2025

Publicação do programa completo: Junho de 2025

Envio do texto completo da comunicação: 25 de julho de 2025

Evento previsto de 27 a 29 de agosto de 2025, no IMS Paulista (São Paulo, SP)

Comitê de organização

Marie-France Chambat-Houillon, Universidade Paris-Panthéon-Assas (IFP/Carism)

Jaércio da Silva, Universidade Paris-Panthéon-Assas (IFP/Carism)

Izabela Moi, Agência Mural de Jornalismo das Periferias

Gilson Schwartz, Universidade de São Paulo (ECA/USP)

Vitor Souza Lima Blotta, Universidade de São Paulo (ECA/USP)

Comitê científico

Rosângela Aparecida Hilário, Universidade de São Paulo (Diversitas/USP)

Rebecca Botelho Portela de Melo, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Manon Cerdan, Universidade Paris-Panthéon-Assas (IFP/Carism)

Valérie Devillard, Universidade Paris-Panthéon-Assas (IFP/Carism)

Raquel de Barros Pinto Miguel, Universidade Federal de Santa Catarina (CFH/UFSC)

Carla Maria dos Santos Silva, Universidade de São Paulo (Diversitas/USP)

Roseli Lopes, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EP/USP)

Cécile Méadel, Universidade Paris-Panthéon-Assas (IFP/Carism)

Camila Moreira Cesar, Universidade Sorbonne-Nouvelle (ICM/Irmeccen)

Itania Maria Mota Gomes, Universidade Federal da Bahia (Facom/POSCOM)

Sophie Noël, Universidade Paris-Panthéon-Assas (IFP/Carism)

Bibia Pavard, Universidade Paris-Panthéon-Assas (IFP/Carism)

Luana Rabetti, Universidade de São Paulo (Diversitas/USP)

Maria Angélica Souza Ribeiro, Universidade de São Paulo (Diversitas/USP)

Teresa Cristina Teles, Universidade de São Paulo (Diversitas/USP)

Victor Vicente, Universidade de São Paulo (ECA/USP)

Este projeto conta com o apoio do Centre d'analyse et de recherche interdisciplinaires sur les médias (Carism), da Agência Mural de Jornalismo das Periferias, do grupo UAIFAI – Universos Abertos à Imaginação, à Fantasia e às Artes da Invenção no Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA/USP), do Instituto Moreira Salles (IMS), do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Direito e Liberdade (JDL/ECA/USP) do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, Direitos e Novas Legitimidades (PPGHDL/FFLCH/USP).

